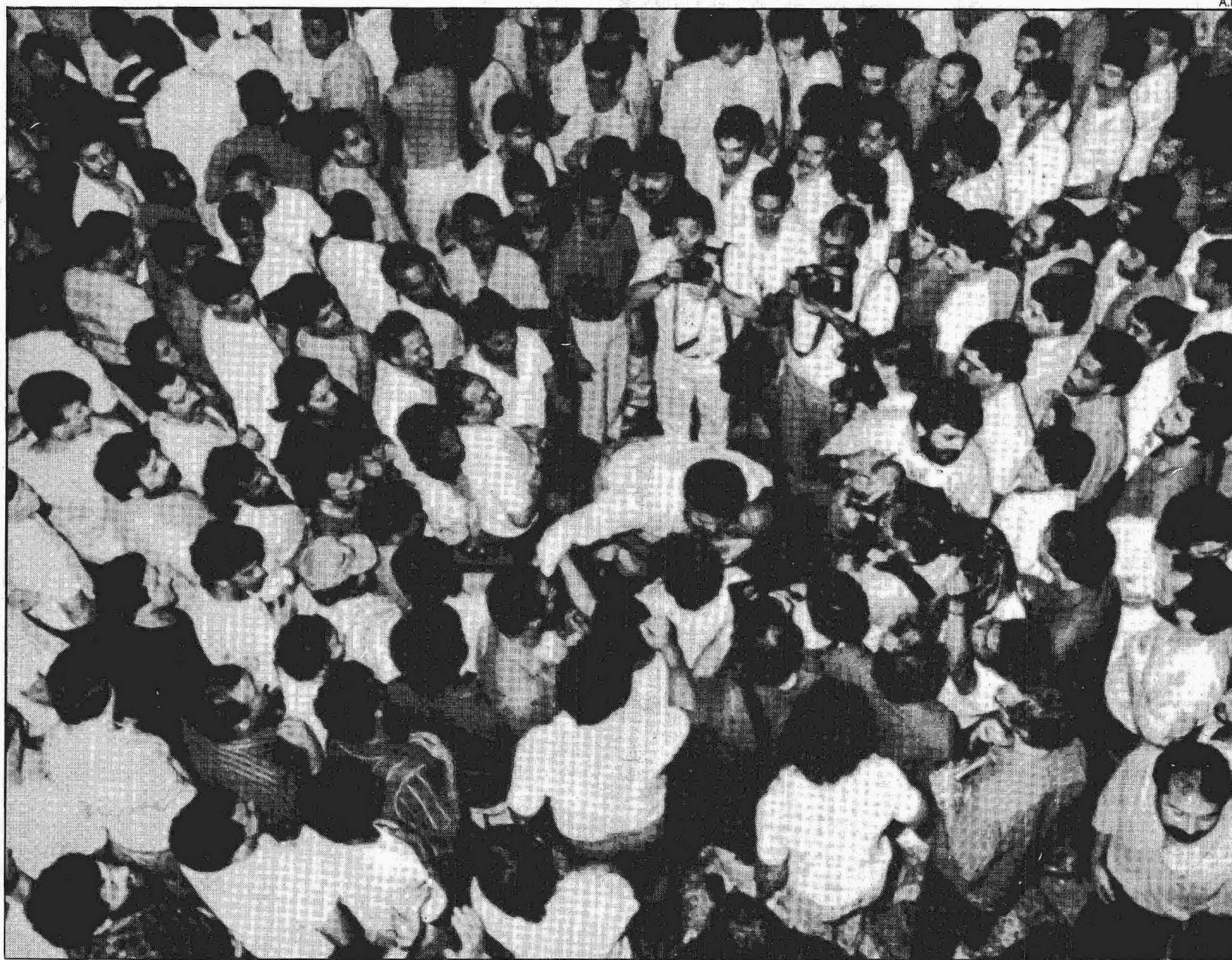


“Ele está ficando apavorado”, diz Lula

Criticando o seu adversário, Lula afirmou que ele teme o confronto ideológico e apela para o baixo nível com velhas mentiras



Na porta da Volkswagen Lula falou para dez mil operários, foi abraçado, distribuiu autógrafos e desafiou seu oponente para o debate em público

Um pouco irritado com as declarações de Fernando Collor de Mello no Rio Grande do Sul sobre um possível derramamento de sangue no País, caso Lula seja eleito, o candidato da Frente Brasil Popular disse ontem, após um comício que reuniu cerca de 10 mil trabalhadores na porta da Volkswagen, em São Bernardo do Campo, que este é um discurso “cretino e de baixo nível para a campanha. Isso demonstra que o menininho que nasceu em berço de ouro começa a ficar apavorado com a gente e começa a inventar mentiras como a direita rançosa fazia em 64 e nos anos 70”, desabafou Lula.

A conquista da vaga para o segundo turno por um operário “está assustando Collor”, disse Lula, que alega que o PRN está muito mais preocupado com o confronto ideológico. Por isso, tenta vender uma imagem de “sectarismo do PT” para a população. Apesar da irritação, o petista se diz tranqüilo por ter tempo suficiente no horário eleitoral

gratuito para dizer quem ele é e o que quer.

Lula explicou ontem várias vezes para os trabalhadores que as declarações de Collor representam uma tática eleitoral para não discutir propostas concretas: “Eles querem debater estas bobagens, porque têm medo de discutir publicamente qual a política salarial, de saúde, de educação, habitação e transportes que o povo precisa. Quem pratica derramamento de sangue são eles, que baixam um salário mínimo de fome que não permite à classe trabalhadora sobreviver decentemente”.

Irônico, o candidato da Frente Brasil Popular ressaltou no comício que a única coisa nova que Collor possui é a idade, pois as alianças de seu partido são feitas “com a chamada escória política do País”. Ele classificou o modo de fazer política do candidato do PRN como velho, utilizado no passado. “A novidade neste País é um trabalhador que completa este ano 29 anos de carteira profissional assinada disputar a presidência da República. A novidade política,

moral e ética são operários que ganham três salários mínimos tirarem dinheiro do bolso para comprar uma camiseta da campanha ou doar sua corrente de ouro ou relógio para eleger seu representante”.

Disposto a polarizar a campanha, Lula desafiou Collor a fazer comícios em portas de fábrica “sem capangas”, discutir abertamente a situação dos trabalhadores e também a comparecer nos debates. O petista disse que “agora é hora do diabo comer o pão que o diabo amassou”, porque ele — Lula — vai ganhar as eleições.

Confronto — Na porta da Volks Lula lembrou o início de sua campanha no primeiro turno, no mesmo local, em abril.

“Não poderia iniciar a arrancada para a vitória do dia 17 de dezembro em outro lugar. Agora somos apenas dois candidatos. Nós, os que produzimos o pão no País, e o representante dos que consomem esse pão” — disse Lula.

Da Volks, Lula foi para a porta da Scania, onde falou para cerca de 500

metalúrgicos do turno das seis horas. A exemplo do que fez na Volks, criticou Collor e teve a preocupação de desmentir os boatos que estão correndo pelas fábricas de que é ateu e que, se eleito, acabará com as igrejas evangélicas.

Lula pretende aparecer nos programas eleitorais ao lado da deputada Benedita da Silva (PT-RJ), que pertence à Assembléia de Deus, e de pastores evangélicos que apóiam sua candidatura.

Às 19h, ele voltou para o portão de entrada da Volkswagen e falou para outros dois mil mensalistas. Ficou impressionado com a grande quantidade de funcionários mensalistas que pararam para ouvir seu discurso. Lula foi muito abraçado e festejado. Até gerentes pediam autógrafa ao presidencial. Foram assinados por Lula desde folhas de papel, até camisas, notas de um cruzado, fotografias, talões de cheques e livros. Muitos metalúrgicos, ao abraçarem Lula, chegaram a chorar de emoção. Sebastião Siriano de Souza, de 41 anos, há cinco na Volkswagen, choran-

do, disse: “Já apanhamos muito juntos nas greves”.

Voto postal — A expressiva votação de Lula no Nordeste e em Minas não se deve apenas ao trabalho das Comunidades Eclesiais de Base (Ceb's) ligadas à Igreja Progressista. Parte dessa responsabilidade está no principal reduto eleitoral do candidato, a região do ABC, onde moram e trabalham mais de 200 mil metalúrgicos, cuja maioria, como o candidato petista, é de migrantes nordestinos e mineiros. Durante a campanha no primeiro turno, muitos deles mandaram cartas aos seus parentes pedindo apoio para o candidato do PT. Alguns chegaram até mesmo a ameaçar com a suspensão da ajuda em dinheiro que depositam mensalmente nas contas dos familiares.

Ontem, durante os comícios nas portas da Volkswagen e da Scania, o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, Vicente Paulo da Silva, ocupando o cargo que já foi de Lula, agradeceu o empenho dos metalúrgicos.